

Literatura e ditadura

“Você vai voltar pra mim”, de Bernardo Kucinski

Leandra Postay (doutoranda; estagiária PAE)

Literatura e história

Você vai voltar pra mim
(2014), coletânea de contos de
Bernardo Kucinski

[...] As histórias desta coletânea [...] se inspiram no clima de opressão reinante no nosso país nas décadas de 1960 e 1970 e suas sequelas.

Aos leitores familiarizados com aqueles tempos, os contos podem lembrar episódios e pessoas conhecidas. Mas não passam de invenções, criações literárias sem nenhuma obrigação de fidelidade a pessoas ou fatos que eventualmente os possam ter inspirado.

Aos leitores mais jovens, não familiarizados com aqueles tempos, acredito que essas narrativas de cunho literário permitirão sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar [...].

(KUCINSKI, 2014, p. 7)

Conto “Você vai voltar pra mim”

- Prisioneira política é conduzida por seu torturador a um tribunal, onde será julgada.
- Ambiguidade do título, desfeita na abertura do texto:

“- Veja bem o que você vai dizer, não esqueça que depois você volta pra cá; você volta pra mim - ele repetiu”.

(KUCINSKI, 2014, p. 69)

“Era a primeira audiência do seu processo. Depois que foi marcada, não penduraram mais, deixaram entrar comida, pomadas, roupa. Hoje está de blusa nova, saia também. Todos a querem bem-apresentada. Ia dar tudo certo, garantiram. Só precisava manter o controle. Não dizer nada, apenas negar as acusações do indiciamento. Ficar nisso.

Estava só ela no camburão. Só ela, de tantos companheiros, ainda viva e indo para uma audiência na Justiça Militar. Se não fosse aquela notícia da sua prisão, já estava morta [...]”. (p. 69)

- Texto lacunar
- Garantias suspensas
- Morte como regra
- “Justiça Militar”: paradoxo

“A audiência foi curta. Um coronel leu o indiciamento. Ela se declarou inocente de todas as acusações, menos da guarida ao estudante, por dever humanitário, não tinha nada a ver com o que ele fazia. Respondeu como o advogado havia recomendado. O juiz auditor a interrompeu.

- Não é o que está na confissão que a senhora assinou, tomada a termo pelo delegado.

Foi então que ela perdeu o controle e gritou:

- Assinei sob tortura! Esse delegado filho da puta me pendurou sete vezes”. (p. 70).

- Documento produzido sob tortura
- A palavra da ré vale menos que o documento
- Questionamento da confiabilidade de documentos oficiais

“Devido às torturas aplicadas aos réus na fase do inquérito policial, muitos revelaram à Justiça Militar a falsidade de seus depoimentos, feitos com o objetivo de fazer cessar a violência que se abatia sobre eles.

Ouvido em São Paulo, em 1972, narrou o jornalista Renato Leone Mohor, de 30 anos:

(...) que, certa noite, ouviu gritos de mulher e choros de criança intercalados com música e lhe foi dito que eram a sua esposa e filha que estavam sendo torturadas; que, assim, o interrogado pediu que dessem liberdade à esposa e filha e que responderia a todas as perguntas da forma que eles quisessem, chegando mesmo a inventar uma porção de coisas que ficou constando em suas declarações; [...]”.

(ARNS, 1985, p. 211-212).

“Faz-se um silêncio estranho. Sete vezes, sete vezes, as palavras pareciam dar a volta na sala do tribunal. Sete vezes, nem uma nem duas, sete vezes. O juiz suspendeu a sessão e convocou todos à sua sala”.

(KUCINSKI, 2014, p. 70).

- A ré, em vez de ocultar, enfatiza e pessoaliza a tortura
- Tortura institucionalizada, mas velada
- Ressonância afetiva nos presentes

“No recesso do gabinete, ela disse tudo. Não conseguiu parar de falar. Mostrou os hematomas nos braços e nos tornozelos, falou das palmadas, dos choques nos seios e na vagina, da ameaça de estupro, da simulação de fuzilamento, dos afogamentos, dos onze dias na solitária.

Por fim, falou da advertência do torturador. Disse que para lá não voltava, preferia morrer. Se a levarem de volta se mata, se atira pela primeira janela; se não tiver janela, se mata batendo a cabeça na parede; se não tiver parede, corta os pulsos; se não tiver com que cortar; morde com os dentes; se não der certo, faz greve de fome até morrer”.(p. 70)

- Corpo como contraprova à documentação oficial
- Retorno ao DOPS como retorno às mesmas condições de desumanização enumeradas
- Prefere a morte à continuação da submissão à tortura
- Enumeração sobre a morte: desespero

“De novo está só no camburão. Percebe que é o mesmo que a trouxe e se inquieta. Passa a observar o trajeto pela grade de ventilação. Vê, aterrorizada, entrarem pelo mesmo portão através do qual haviam saído para o tribunal.

O camburão para, a porta se abre.

O torturador diz, sorrindo:

- Eu disse que você ia voltar pra mim, não disse? Vem, benzinho, vamos brincar um pouco.

Ele a agarra pelas canelas e a arrasta para fora.

Os outros em volta riem”. (p. 71)

- Não confiabilidade de documentos governamentais
- Vocabulário cruel, deslocado de seu uso corrente
- Ausência de solidariedade
- Hostilidade institucional e social

A literatura contribui com a elaboração social de experiências históricas não compartilhadas pela coletividade

“Nesse ‘universo paralelo’ das experiências não compartilhadas pela coletividade, experiências excluídas das práticas falantes e (consequentemente) da memória, vivem [...] os que tiveram seus corpos torturados nos subterrâneos da ordem simbólica ou sofreram a perda de amigos e parentes desaparecidos, vítimas de assassinatos nunca reconhecidos como tais por agentes de regimes autoritários. No Brasil, os opositores do regime militar que sobreviveram à tortura, embora circulem normalmente entre nós, vivem em um universo à parte não apenas em função da radicalidade da dor e da despersonalização que experimentaram, mas também porque as práticas infames dos torturadores nunca foram reconhecidas e reparadas publicamente. A sensação de *irrealidade* que acomete aqueles que passaram por formas extremas de sofrimento [...] fica então como que *confirmada* pela indiferença dos que se recusam a testemunhar o trauma”.

(KEHL, 2010, p. 126).

Referências

ARNS, Dom Paulo Evaristo (org.). *Brasil: nunca mais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132.

KUCINSKI, Bernardo. Você vai voltar pra mim. In: _____. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 69-71.